



**Narrativas
audiovisuais**

Cristiane Neder
Teresa Norton Dias

(Orgs.)

**nos países
lusófonos**

Encontros, fronteiras
e territórios comuns



LIBERDADE E PROGRESSO



A lusofonia é uma reunião de pessoas, culturas e países que falam português e têm este idioma por ser herança de uma época colonial. A lusofonia une os países que foram colonizados e influenciados por Portugal. De uma forma poética diríamos os descendentes dos navegadores das grandes caravelas. Seremos descendentes dos navegadores das grandes caravelas já torna a nossa narrativa uma história além e como o mar. Geopoliticamente falando somos povos que temos como língua materna o português, mas mais do que isto a poesia de Fernando Pessoa e a coragem de Vasco da Gama, de Pedro Álvares Cabral, que não sabiam o que iam encontrar a frente, mas iam em frente. Em tempos de globalização ou, como outros preferem nomear, de mundialização, temos uma identidade comunitária firmada, somos uma comunidade, mesmo com cada povo no seu território. São oito Estados membros que constituem esta comunidade lusófona, onde cada um traz um pouco de si e um pouco dos outros. Difundimos a língua portuguesa pelo mundo nas nossas obras culturais, nas várias narrativas que nos aproximam. Comungamos de muitas coisas em comum. Nossos filmes são retratos em movimento de um passado, presente e futuro entrelaçados por uma história comum, que se entrecruza e não tem fim. Somos herdeiros dos navegadores e este livro é um resgate através das narrativas audiovisuais das várias fronteiras que nos pertencem e que precisam ser redescobertas.



Narrativas audiovisuais nos países lusófonos



Comitê Editorial

Prof. Dr. Jonas M. Vargas
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Prof.^a Dr.^a Clarice Gontarski Speranza
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Prof. Dr. Alisson Droppa
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Prof.^a Dr.^a Elisabete Leal
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Narrativas audiovisuais nos países lusófonos

Encontros, fronteiras e territórios comuns

Organizadores
Cristiane Neder
Teresa Norton Dias

Coprodução

**Laboratório de Performance Experimental | Conselho de Cultura
Universidade da Madeira | Portugal**

**Grupo de Pesquisa Estudos Luso Brasileiro do Audiovisual
Universidade do Estado de Minas Gerais | Brasil**



O movimento *V-Day* e o lema *#1billionrising*

Teresa Norton Dias ¹

*A minha experiência de vida tinha-me mostrado
que os dois assuntos [raça e sexo] eram inseparáveis,
que quando nasci dois fatores determinaram o meu destino:
ter nascido negra e ter nascido mulher.
(hooks, 2018: 33)*

V-Day

V-Day é um movimento ativista pelo término da violência contra as mulheres, as raparigas e o planeta. Acredita que, através da arte, se pode transformar a cultura de um povo e afirma-se como um exemplo de como: “[...] *the power of art can be used as a liberating tool for transformational holistic education and social justice.*” (V-Day, s.d.). Para ilustrar, este exemplo, aponta a peça de teatro *Monólogos da Vagina*, escrito por Eve Essler, em 1994, vista como teatro político, levada à cena em mais de 140 países, tendo angariado mais de 120 milhões de dólares que reverteram a favor das causas que apoiam. Defendem, no seu site, através do qual comunicam com a comunidade internacional, que

Activists look at the intersection of class, race, gender, environmental destruction, imperialism, militarism, patriarchy, poverty, and war, as women face abuse and exploitation across layers of systematic and societal oppression, with the most marginalized and excluded often facing increased levels of violence. (ibidem)

¹ UMa | CEMRI/Uab. teresa.dias@staff.uma.pt

E afirmam ainda, a propósito do seu posicionamento de abranger o planeta Terra, que

Including Mother Earth in our mission is an intentional step. We hope it will inspire our activists and audience members to stop and reflect on the connection between violence against women and girls and violence against our planet. The system of patriarchy that allows both to continue unfettered must be dismantled. (ibidem)

Afirmar que “O sistema de patriarcado que permite que ambas [a violência contra mulheres e raparigas e a violência contra o nosso planeta] continuem sem restrições deve ser desmantelado².” (ibidem) é a luta diária de milhares de mulheres e raparigas pelo mundo inteiro. Vejamos o exemplo de bell hooks sobre a dupla repressão das mulheres negras que sofrem, não só de sexismo, como de racismo: “Quando o movimento pelos direitos das mulheres chegou ao fim, nos anos 20 do século XX, as vozes negras que lutavam pela emancipação estavam caladas.” (hooks, 2018: 22). Hooks sustenta ainda que “[...] As negras foram instruídas a cuidar das necessidades domésticas e a gerar guerreiros para a revolução.” (idem: 23) e que “[...] ser forte face à opressão não é o mesmo que a ultrapassar; [...] não se pode confundir resistência com transformação.” (idem: 24-25), a transformação necessária para se admitir, que seja, um pedido de desculpas, algo raro de acontecer de forma sentida, como testemunha Anne Hill: “*I cannot be satisfied by simply saying I’m sorry for what happened to you... I will be satisfied when I know there is real change and real accountability and real purpose.*” (The Apology, s.d.). Outro dos problemas associados à luta feminina, além da resiliência e transformação:

² Tradução da autora: “*The system of patriarchy that allows both to continue unfettered must be dismantled.*” (V-Day, s.d.)

a total ausência de prestação de contas. O problema não é errar-se e pedir-se desculpa, mas evitar-se ter que fazê-lo, mostrando compreensão e reconhecendo o erro. Também aqui V (antes, Eve Ensler) deixa o seu testemunho com a publicação de *The Apology* e o site que lhe dedica. Temos então o problema do racismo, do sexismo e de uma total ausência de noção de que o poder patriarcal “[...] não é [um] privilégio só dos brancos de classe média alta, mas de todos os homens da nossa sociedade independentemente da classe social ou raça.” (hooks, 2018: 145), na certeza, porém, que “[...] raça e sexo são facetas imutáveis da identidade humana.” (hooks, 2018: 34), tal como o direito a falar e ser ouvido(a).

Proclamam para o *V-Day* uma visão, uma exigência, um espírito, um catalisador, um processo e, acima de tudo, uma data em que se celebra a luta contra a violência ao lado das mulheres cis-, mulheres trans-, e das que possuem identidades fluídas. Criaram várias linhas de ação e campanha e, de entre elas, ***One Billion Rising***, que de seguida analisamos.

[...] esta revolta colectiva começou a ser conhecida como «emancipação das mulheres» e, mais tarde, evoluiria e transformar-se-ia no movimento feminista. (hooks, 2020: 10)

One Billion Rising

Criada em 2013, esta campanha, intitulada *One Billion Rising* foi “[...] *the biggest mass action to end violence against women (cisgender, transgender, and those who hold fluid identities that are subject to gender-based violence) in human history.*” (One Billion Rising, 2021) Comemora-se a 14 de fevereiro e tem associada a canção *Break the Chain*, que se promove através de um vídeo-clip produzido por Eve Ensler e V-Day, dirigido por Tony Stroebel, escrito e produzido por Tena Clark com música de Tena Clark e Tim Heintz e coreografia de Debbie Allen. Tem ainda

vários tutoriais de como se executa o movimento coreográfico da canção, permitindo a sua fácil execução e reprodução.

Break the Chain é uma canção, mas também um lema que visa sensibilizar a comunidade internacional para a campanha global do *V-Day*. Cantada e dançada por mais de um bilião de vozes mostra-se como um grito de luta contra a estatística de que, uma mulher em cada três, são espancadas e violadas durante a sua vida. Com uma população mundial de 7 mil milhões de habitantes, isso traduz-se em mais de um bilião de mulheres e meninas. Em 14 de Fevereiro de 2013, um bilião de pessoas em 207 países, em que se inclui Portugal, gritou e dançou para exigir o fim da violência contra mulheres e raparigas.

Break the Chain tem letra de Tena Clark e música de Tena Clark e Tim Heintz. A primeira parte da canção até ao primeiro refrão, apresenta-se assim:

*I raise my arms to the sky
On my knees I pray
I'm not afraid anymore
I will walk through that door
Walk, dance, rise
Walk, dance, rise
I can see a world where we all live
Safe and free from all oppression
No more rape or incest, or abuse
Women are not a possession
You've never owned me, don't even know me
I'm not invisible, I'm simply wonderful
I feel my heart for the first time racing
I feel alive,
I feel so amazing
I dance cause I love
Dance cause I dream*

Dance cause I've had enough
Dance to stop the screams
Dance to break the rules
Dance to stop the pain
Dance to turn it upside down
Its time to break the chain, oh yeah
Break the Chain
Dance, rise
Dance, rise
 [...]

One billion rise. (Break the Chain, 2013)

Coreograficamente termina com o(a) intérprete em pé e um braço estendido para o céu, com o dedo indicador a apontar ou a dizer que cada um(a) é um(a) a manifestar-se: estamos aqui! Este movimento vem contrariar a visão de hooks e abalizar a sua previsão quando afirma que “[...] cada vez mais se fala do discurso feminista visionário apenas nos corredores da elite culta. Se por lá continuar, a mensagem feminista não será ouvida e, por fim, o movimento feminista acabará.” (hooks, 2020: 16). A reação em cadeia que o movimento conseguiu, a partir de um estímulo em torno de uma canção, a que o poema não foi indiferente e os movimentos coreográficos também não, reuniu pessoas simples à volta de uma grande e complexa causa: fazer-se ouvir e gerar mudança, não só a partir da audição, mas também da sua interiorização através da prática repetida dos movimentos coreográficos. Atravessou fronteiras físicas e culturais, envolveu homens e mulheres de todo o mundo, podendo aqui observar-se a “interligação de género, raça e classe” (hooks, 2020: 12), melhor dizendo, uma relação interseccional, que vem sustentar a perspectiva que “mudou a orientação do pensamento feminista” (ibidem) e que este vem depois, também comprovar, a “[...] necessidade em [se]

construir um movimento fundado nas massas a partir do já praticado [...] movimento pela emancipação da mulher” (ibidem).

Em Portugal há quem defenda que a sua discussão tardia se deve, também, ao facto de que o género se dançou primeiro e pensou depois, como atesta João Manuel Oliveira no seu prefácio à obra de Butler, *Problemas de Género* (2017), em português, defendendo que coreógrafos como Vera Mantero ou Francisco Camacho abordaram as questões de género logo no início dos anos noventa, do século XX, altura em que se iniciava a discussão tardia na academia com Lúcia Amâncio a liderar o processo. Oliveira fala de *Olympia*, de Mantero (1993). Em *Olympia*, Mantero aparece nua a responder à pergunta: “E se fosse a Olímpia a ler o [Jean] Dubuffet?” (Mantero, 2018 [1993]). Ainda que o mote da performance fosse uma pertinente questão, a pertinência do ato é: apresentar-se nua para chamar à atenção, nua para fazer “acordar” as pessoas. Mantero recorre à nudez, a solo, para chocar, para acordar, mas não diretamente para os problemas de género, ainda que para os problemas de género, pois fora necessário expor-se para suscitar reações. A *performance* é isso mesmo, um momento efémero de exposição, que se reforça na repetição em diversas localidades e ocasiões.

Francisco Camacho estreou *Nossa Senhora das Flores*, em 1993, um trabalho a solo cuja “história do corpo em dor e prazer” (Eira, s.d.) é contada através do movimento. Segundo André Lepecki (ibidem), *Nossa Senhora das Flores* é “uma coreografia de convulsão, de obsessão, de falha de sistemas fisiológicos, do corpo em colapso, de dança num absoluto prazer sensual no que supõe a sua invocação de espíritos, de ironia, de humor, de sensualidade e obscenidade.” (ibidem) – é uma coreografia da fisicalidade do movimento.

Da mesma forma que, em Portugal, Mantero e Camacho quiseram acordar as pessoas através da dança, no mundo inteiro, *One Billion Rising*

e *V-Day* procuram, ano após ano, que as pessoas se manifestem para: expressar a sua indignação, lutar por mais justiça, mudar o paradigma, exigir responsabilidade e, sobretudo, continuar com um apelo para que haja manifestação pelas mulheres marginalizadas e para que se trate das suas questões a nível nacional e internacional, apelando a uma nova energia artística (*V-Day*).

Que papel para os corpos? Que papel para a sexualidade? Que papel na abertura das “[...] possibilidades de género sem ditar os tipos de possibilidades que poderiam concretizar-se.”? (Butler, 2017: 18) Que papel performativo para o corpo? Podemos simplesmente ser homens e mulheres ou precisamos de criar personagens à medida das funções e do corpo que “parece ser muitas vezes um meio passivo que é significado por uma inscrição, a partir de uma fonte cultural percebida como «exterior» a esse corpo.”? (idem: 259). Um corpo, “[...] como o meio que é preciso destruir de transfigurar para a «cultura» emergir.”? (Butler, 2017: 261) Como responder a tantas questões levantadas pela leitura de Butler (2017) e pela vontade de continuar a trazer à discussão a tantas vezes questionada sexualidade versus identidade de género que, segundo Butler (2017) continua atual. Que papel para o corpo físico e performativo, na luta pela afirmação do direito à equidade de género? Gritemos “RISE”! Precisamos de transgredir? Segundo Butler (2017), para Mary Douglas (1991),

As crenças relativas à separação, à purificação, à demarcação e ao castigo das transgressões têm como principal função sistemática uma experiência essencialmente desordenada. E só exagerando a diferença entre dentro e fora, por cima e por baixo, masculino e feminino, com e contra, se cria uma aparência de ordem. (Douglas apud Butler, 2017: 262)

Terão Mantero e Camacho desafiado as crenças culturalmente estabelecidas de que Butler fala quando defende que, na análise da obra de

Douglas “[...] os tabus sociais instituem e mantêm as fronteiras do corpo enquanto tal.”? (Butler, 2017: 263) Esse parece-nos claramente ter sido o papel do e da intérprete, colocando o seu ato performativo à disposição pública da obra que, ainda que efêmera, se valeu da sua repetição em espaços nacionais e internacionais, tornando o seu gesto cúmplice de uma mensagem contra a ignorância e comportamentos xenófobos e homofóbicos. Terão desafiado uma sociedade católica, de crenças deveras enraizadas? De certo que a sua arte trouxe à tona temas como o do corpo performativo nu, no caso de Mantero e a utilização exacerbada do físico e de alimentos como adereços e o que fazia com eles, como demonstram as imagens disponibilizadas em Eira (s.d.), no caso de Camacho.

Voltamos então, ao ponto que lançou esta reflexão: o do papel das artes, nomeadamente das artes performativas a par das atividades de movimentos como *V-Day* e *One Billion Rising*, na luta contra a violência contra mulheres e raparigas. Pelos resultados apresentados na sua página *web* estes movimentos espalham a mensagem e dela vão dando nota e visibilidade. Este, é apenas um exemplo do que por todo o mundo movimentos e organizações não governamentais procuram, e a quem se deve dar voz. Em Portugal é coordenado por Janka Striffler, a partir de Tamera, no Alentejo, e do Centro de Investigação e Educação para a Paz.

Notas finais

A revolução feminista iniciou-se nos anos 60 do século XX, mas na terceira década do século XXI ela continua a ser necessária e ativa. Disto é testemunha *V-Day* e a sua atividade em torno de *One Billion Rising*. Tendo dito isto, sabemos que o movimento feminista não criou “[...] uma revolução feminista constante. Não acabou com o patriarcado nem erradicou o sexismo, nem a exploração e a opressão sexistas. Como consequência, as conquistas feministas estão sempre em risco.” (hooks,

2020: 15) Esta realidade que nos assola diariamente, traz consigo a preocupação de se estar atento(a) a ações contra as mulheres e raparigas, na violação dos seus direitos, numa participação cívica e ativa. Aquilo que movimentos como *V-Day* conquistam diariamente constituem apenas um alerta, dependendo a sua eficácia da ação de todo(a)s nós em sociedade. Em agosto de 2021, mês em que escrevo estas notas finais, o mundo assiste a uma tomada de poder pela força das armas, pelos talibãs, no Afeganistão: o que será das mulheres e raparigas daquele país? Uma pergunta que a realidade violenta nos obrigará a assistir: uma privação de todos os direitos adquiridos nas últimas duas décadas.

Referências

- AMÂNCIO, L. (2003). O género no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, vol. XXXVIII (168), 687-714. Disponível em https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/18123/1/ArtigoG%c3%a9nero_AnaliseSocial2003.pdf
- BUTLER, J. (2017). *Problemas de Género*. Lisboa: Orfeu Negro.
- BREAK THE CHAIN (2013, outubro 10). (Ficheiro de Vídeo). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yhgI4EWYgvQ&t=9s>
- CRENSHAW, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial e relativos ao género. *Estudos Feministas*, Ano 10, 1º semestre, 171-188. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPNJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>
- DOUGLAS, M. (1991) [1969]. *Pureza e Perigo: Ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Edições 70.
- EIRA (s.d.). Disponível em <https://eira.pt/>
- HILL, A. (s.d.). In *The Apology*. Disponível em <https://theapologybook.net/>
- HOOKS, B. (2020). *Teoria Feminista da margem ao centro*. Lisboa: Orfeu Negro.
- HOOKS, B. (2018). *Não serei eu mulher? As mulheres negras e o feminismo*. Lisboa: Orfeu Negro.

LEPECKI, A. (s.d.). In *Eira*. Disponível em <https://eira.pt/nossa-senhora-das-flores/>

MANTERO, Vera (2018) [1993]. Olympia. In *O Rumo do Fumo*. Disponível em https://www.orumodofumo.com/pt/em-circulacao/olympia-de-vera-mant_13

NOSSA SENHORA DAS FLORES (s.d.) [1993]. In *Eira*. Disponível em <https://eira.pt/nossa-senhora-das-flores/>

ONE BILLION RISING (2021). Disponível em <https://www.onebillionrising.org/>

OLIVEIRA, J.M. (2010). Os feminismos habitam espaços hifenizados – a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. In *ex-aequo*, (22), 25-39. Disponível em http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So874-55602010000200005&lng=pt&tlng=pt

O RUMO DO FUMO (2018). Disponível em <https://www.orumodofumo.com/>

SPIVAK, G.C. (2021). *Pode a Subalterna Tomar a Palavra?* Lisboa: Orfeu Negro.

STRIFFLER, J. (2020). “What Does Freedom Really Mean?” One Billion Rising with tamera & The Odemira Women’s Prison. In *Tamera*. Disponível em <https://www.tamera.org/article-1-billion-rising-2020-in-odemira/>

TAMERA. Centro de Investigação e Educação para a Paz. Disponível em <https://www.tamera.org/pt/>

V-DAY. Disponível em <https://www.vday.org/>

V-DAY (2013, outubro, 7). (Ficheiro de vídeo). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yhgl4EWYgvQ&t=9s>



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org